VIOLÊNCIA NA ESCOLA E A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ana Teresa Fernandes Barros(PIBIC/CNPq/Uem), Marilda Gonçalves Dias Facci (Orientador), e-mail: marildafacci@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Artes e Letras /Maringá, PR.

Psicologia do Ensino e da Aprendizagem

Palavras-chave: Violência. Afetividade. Psicologia Histórico-Cultural.

Resumo:

Esta exposição visa apresentar resultados de estudo realizado sobre a afetividade no processo ensino-aprendizagem e a violência na escola, tendo como fundamentos os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. O estudo consistiu em uma revisão bibliográfica dos autores mais citados no tema e de obras que tratam do desenvolvimento do psiquismo e violência a partir de uma visão marxista. Identificamos a falta de posicionamento de alguns autores sobre a violência e a explicação superficial das causas da violência na escola, sem explorar a estrutura da sociedade que reforça desigualdades, exclui e marginaliza jovens e adolescentes de classes menos favorecidas. Verificamos as formas de enfrentamento focadas no espaço intra-escolar e pouco nas condições particulares do processo de ensino-aprendizagem como a afetividade nas relações de transmissão-apropriação dos conhecimentos científicos. Observamos, também, que a violência na escola ainda é uma temática pouco inovadora, em geral reforçando as informações já construídas por outros autores. Concluindo, consideramos necessário intensificar o debate social e histórico da violência na escola, destacando contribuições que permitam que a escola cumpra com sua função de socialização de conhecimentos e de emancipação humana.

Introdução

Na escola os casos de violência, em geral divulgados pela mídia como o *bullying*, as agressões físicas requerem um posicionamento da Psicologia Escolar e Educacional.

Gomes (2008), amparada nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, compreende que afeto e cognição caminham juntos no processo de ensinar e aprender e consideramos que episódios de violência na escola interferem

na apropriação do conhecimento, influenciando na função da escola como a socialização dos conhecimentos produzidos historicamente, e como aquela responsável pela transmissão dos conhecimentos científicos (Vigotski, 2009)
Apesar de serem muitas as tentativas de definir a violência em todos os textos, adotamos o conceito de Chauí (2000) que compreende a violência

> [...] como exercício da força física e da coação psíquica para obrigar alguém a fazer alguma coisa contrária a si, contrária aos seus interesses e desejos, contrária ao seu corpo e à sua consciência, causando-lhe danos profundos e irreparáveis, como a morte, a loucura, a autoagressão ou a agressão aos outros. (p.432)

E também consideramos os estudos de Vazquez (1968), que, com base no pensamento marxista, analisa que em uma sociedade de classes usa-se da violência para afirmar interesses da classe dominante. Entendemos que a violência na escola também é marcada por essa estrutura e reflete os problemas da sociedade.

Materiais e métodos

A pesquisa constitui-se de uma revisão bibliográfica e estudos de documentos relacionados à violência na escola no Brasil. Foram realizadas leitura de obras da Psicologia Histórico-Cultural para compreender a violência na escola; estudos sobre a teoria da personalidade e a formação do pensamento e da linguagem de Vigostki (2009). Posteriormente, analisamos obras e documentos dos autores mais citados em produções que tratam do tema da violência na escola, tais como Miriam Abramovay, Bernard Charlot, Eric Debarbieux e Marilia Spósito. Nas produções exploramos aspectos como as causas da violência na escola, formas de enfrentamento, sujeitos envolvidos e, especialmente, a afetividade na relação professor-aluno, que está ligada ao processo de ensino e aprendizagem.

Resultados e Discussão

Verificamos que as produções na área trazem muitos aspectos distintos para tratar da violência na escola mas pouco abordam a perspectiva social do fenômeno, assim como a maioria dos autores não se posiciona criticamente sobre o tema. Em geral, especialmente nos documentos de Abramovay (2005) as definições utilizadas são retiradas de outros autores, as causas muitas vezes são encontradas no meio social, mas não há uma discussão aprofundada sobre o por que da violência na sociedade invadir o meio escolar. Os documentos trazem também um grande número de exemplos cotidianos da violência, relatos de professores, funcionários e alunos que enriquecem nosso conhecimento sobre a realidade, contudo, apresentam

explicações que permanecem na superficialidade. Isso também ocorre quando se referem à afetividade: os autores não a apresentam como necessária no processo de aprendizagem, não ponderam que a afetividade faz parte da transmissão-apropriação dos conhecimentos científicos, do planejamento pedagógico, conforme defende Vigotski (2009) e não somente no contato alheio ao conhecimento ou fora da sala de aula. Em muitos trechos a transmissão do conhecimento científico, na realidade, é tratada como uma violência ao aluno. O professor também deve ter satisfação em ensinar, Abramovay (2005) relata que "[...] há uma melhor integração com aqueles professores que demonstram um desempenho profissional que reflete na expectativa do aluno". Dificilmente a violência se propaga entre aqueles que encontram sentido no que estão aprendendo.

Todos os autores sugerem o estímulo de atividades culturais, esportivas e de convivência para enfrentar a violência. Alguns compreendem que para muitos jovens e adolescentes, principalmente do sistema público de ensino, o interesse em aprender está completamente depositado na possibilidade de ascensão social ou de fugir da marginalização da pobreza. É neste caminho que Vazquez (1968) se diferencia dos outros autores e contribui com informações macrossociológicas que debatem sobre influência da organização social na violência na escola e não negam as demais causas apresentadas, mas considera as condições materiais da sociedade para explicá-las.

Conclusões

Concluímos com a pesquisa que a violência na escola deve ser um tema de constante debate acadêmico para que novas possibilidades de enfrentamento sejam discutidas na busca de apropriação de conhecimento para todos.

No processo ensino-aprendizagem, concordamos com Gomes (2008) que devemos atentar para a afetividade, o que pode possibilitar aproximação da escola da realidade objetiva do aluno para que o professor possa auxiliar a criança na construção de sentidos pessoais acerca dessa realidade, que possibilitem transformações dos afetos (da passividade à atividade) e da própria realidade.

A não discussão sobre o tema pode ser uma violência contra os próprios envolvidos, pode ser a privação de encontrar meios que façam verdadeira diferença nas escolas. É preciso analisar a violência como Vazquez (1968) pensa, como um fenômeno próprio de uma sociedade de classes, que tem explicações mais complexas que uma família desestruturada ou uma personalidade agressiva. A violência, de acordo com (VAZQUEZ, 1968) tem sido para nós, um meio de coerção e violação de diretos, dificultando que a escola cumpra com sua função social de emancipação humana.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq, financiador desta pesquisa, que permite compartilhar produções que possam estimular ações concretas de mudança na sociedade.

Referências

ABRAMOVAY, M. (Coord.) **Cotidiano das escolas: entre Violências.** Brasília: UNESCO; Obsevatório de Violências nas escolas; MEC, 2005.404 p.

CHAUÍ, M. (2000). **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. 567 p.

GOMES, C. A. V. **O afetivo para a Psicologia Histórico-Cultural**: considerações sobre o papel da educação escolar. 2008. 169 f.. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de pós-graduação em Educação - Universidade Estadual Paulista, Marília.

VASQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968. 454 p.

VIGOTSKI, L. S. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. 496 p.